

# “Arqueologia” da arte: documentos de uma revolução

“Arqueología” del Arte: Documentar una revolución

“Archeology” of art: documents of a revolution

**Conceição Cordeiro**

ccordeiro@esep.pt

*Instituto Politécnico de Portalegre*

*Doutoranda em Belas-Artes, Pintura – Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa*

**Tipo de artigo:** Original

## RESUMO

Propomos com este artigo uma revisitação aos tempos do pós 25 de Abril de 1974 e às manifestações artísticas que decorreram no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), os seus manifestos e a sua aproximação a figuras destacadas da arte e da cultura portuguesa como Ernesto de Sousa.

Nas manifestações artísticas do CAPC verificamos uma estreita ligação ao Movimento Fluxus e ao artista alemão Wolf Vostell, com atelier, agora Museu Vostell Malpartida, em Malpartida de Cáceres, Espanha.

Wolf Vostell não só transferiu o seu processo criativo ARTE-VIDA para a comunidade artística de Coimbra como se fez, por várias vezes, presente.

Este interesse de verificar dados e clarificar experiências por nós vividas, num momento, em 2014, em que se celebraram os 40 anos do 25 de Abril de 1974.

**Palavras-chave:** Arte-Vida; Manifesto; CAPC; Ernesto de Sousa; Wolf Vostell; Joseph Beuys.

## RESUMEN

Nos proponemos en este artículo revisar los tiempos post 25 de de abril de 1974, y eventos artísticos que tuvieron lugar en el Círculo de Bellas Artes de Coimbra (CAPC), sus manifestos y su acercamiento a las principales figuras del arte y la cultura portuguesa como Ernesto de Sousa.

En las manifestaciones artísticas del CAPC verificado una estrecha relación con el movimiento Fluxus y el artista alemán Wolf Vostell, con estudio, ahora Museo Vostell Malpartida en Malpartida de Cáceres, España.

Wolf Vostell no sólo transfiere su proceso creativo ART-LIFE para comunidad artística de Coimbra sino que se hizo presente varias veces.

Hay un interés de comprobar los datos y aclarar las experiencias que vivimos en un tiempo en el año 2014 cuando se celebró el 40 aniversario de los 25 de abril de 1974.

**Palabras Clave:** ART-LIFE; Manifiesto; CAPC; Ernesto de Sousa; Wolf Vostell; Joseph Beuys.

#### ABSTRACT

With this article we pretend to revisit the times and the artistic work of Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC) after the revolution of April 25, 1974, with his manifestos and their approach to prominent figures of Portuguese art and culture as Ernesto de Sousa.

Along with artistic production of CAPC we see a close influence of Fluxus Movement and the German artist Wolf Vostell, with a working place in Malpartida de Cáceres, now Museu Vostell Malpartida, Spain.

Wolf Vostell not only had a great influence in an artistic community of Coimbra taking ART-LIFE concept, as himself visited the city for a few times.

This interest in check data and clarify our own experiences in a post-revolution time, when we celebrate, in 2014, the 40th anniversary of the April 25 Revolution.

**Keywords:** Art-Life; Manifest; CAPC; Ernesto de Sousa; Wolf Vostell; Joseph Beuys.

## Introdução

Do espaço temporal entre o presente (a preto) e a memória de uma revolução (a verde) não podemos evitar a inquietação, como bem ilustra o cartaz de Júlio Pomar e Henrique Cayatte (Fig.1), que assombra a atualidade (2014), face ao panorama político português. Pretendemos revisitar um processo de mudança na consciência artística/política de finais dos anos 70 do séc. XX, na cidade de Coimbra. A consciência política acompanha os programas artísticos e os programas artísticos refletem uma consciência estética/política.



Fig. 1 – Cartaz Comemorativo dos 40 anos do 25 de abril  
Autores: Júlio Pomar e Henrique Cayatte  
Associação 25 de Abril

## 1 - Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (C.A.P.C.) - Semana da Arte (da) na Rua (1976)

O 25 de Abril de 1974 torna a arte como parceira nas suas manifestações de rua:

O 25 de Abril tinha acontecido, a palavra é preenchida pelo discurso político que, por sua vez, num contexto revolucionário, ocupa as ruas e as rotinas do dia-a-dia <sup>1</sup>.

A estas palavras poderemos acrescentar: se a palavra preencheu o discurso político ocupando as ruas e as rotinas diárias, também, a arte ocupou a rua e contribuiu para um enriquecimento das nossas rotinas.

Assim foram os tempos do-pós 25 de Abril, em Coimbra, como tão bem caracteriza Ernesto de Sousa:

O exagero. Por exemplo viver em Coimbra, ser de Coimbra, «a cidade nossa deles» e ousar uma atividade (visual) que excede todas as medidas (da Cidade, da rua) devolvendo as pessoas à dimensão perdida (ao paraíso Perdido)...à Festa – eis o exemplo de um total exagero, de uma clara modernidade <sup>2</sup>.

O exagero referido diz respeito ao evento artístico/cultural promovido pelo Círculo de Artes Plásticas de Coimbra <sup>3</sup>, entre 30 de Maio e 10 de Junho de 1976, na Praça da República e no Jardim da Sereia, em Coimbra, intitulada Semana da Arte (da) na Rua (Fig.2).

A origem deste evento surge pela discordância de alguns membros do C.A.P.C. quanto à função da Arte, expondo no Manifesto<sup>4</sup>, as suas linhas de força: uma arte para todos e com a colaboração de todos.

2 Ernesto de Sousa (1976). Arte na Rua in *Colóquio artes*, nº 29, 2ª série/18º ANO, Outubro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Este artigo refere-se à *Semana da Arte (da) na Rua*.

3 O Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), fundado em 1958 como organismo da Associação Académica foi um elemento central na programação de alguns eventos que se devem inscrever numa cronologia da performatividade em Portugal, na década de 70. São de destacar a programação *A Minha Nossa Coimbra Deles*, em 1973, a celebração do *1.000.011º Aniversário da Arte*, em 1974 e a *Semana de Arte na (da) Rua*, em 1976. No âmbito do *1.000.011º Aniversário da Arte*, dinamizado por Ernesto de Sousa, Albuquerque Mendes realiza a sua primeira intervenção performativa: a distribuição ao longo do percurso entre Porto e Coimbra de centenas de flores de papel com a inscrição 'a arte é bela tudo é belo', seguida da colocação, à entrada do edifício do CAPC, de um conjunto de panos com padrões florais. É também de assinalar, em torno do CAPC, a criação do Grupo de Intervenção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (GICAPC), cujos elementos eram essencialmente os do Grupo Cores. Em 1977 constituíam o *Grupo Cores*: Túlia Saldanha, Rui Orfão, Teresa Loft, António Barros e Armando Azevedo.

Metello (s/d) in

<https://baldiohabitado.wordpress.com/arte-da-performance-performance-art-05-06-2014>.

4 Documento de arquivo pessoal (A4) em anexo.

1 <http://www.ernestodesousa.com/?p=210> (05-06-2014)



Fig. 2 Documento de divulgação da  
*Semana da Arte (da) na Rua*



Fig. 3 - Instalação *Labirinto*  
*Semana da Arte (da) na Rua*, Coimbra,  
Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 1976.

O Manifesto é fisicamente um documento dactilografado, de agrão enferrujado e papel amarelecido, testemunho de um tempo, testemunho da ação e do pensamento dos artistas, da vanguarda vostelliana, predominantemente sociológica.

É assim que se encontram em simultâneo, durante uma semana, as artes de vanguarda: *Luís Vaz 73 - Envolvimento Audiovisual*<sup>5</sup> com poema de Luís de Camões, música eletrónica de Jorge Peixinho, diapositivos de Ernesto de Sousa e improvisação instrumental do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha; *Anar Band* com Jorge de Lima Barreto; ranchos folclóricos, bandas filarmónicas, mostras de artesanato, projeção de filmes, representação de uma peça de teatro pelo CITAC, entre outras manifestações artísticas<sup>6</sup>.

Na Praça da República foi construído o *Labirinto* ( Fig.3) que poderia ser ocupado com trabalhos de intervenção plástica.

Segundo o Manifesto:

Na Praça da República o CAPC construirá um enorme Labirinto que ocupará totalmente a praça. Esse labirinto terá clareiras (espaços dentro do próprio

labirinto) com trabalhos de sócios e clareiras deixadas à disposição de outros intervenientes, de quem quiser intervir.

A construção desta instalação contou com a participação de membros do CAPC, que na altura aí frequentavam cursos lecionados por artistas/professores da Escola Superior de Belas Artes do Porto, Alberto Carneiro e João Dixo:

Na década de 70 do século XX, as alterações políticas vão repercutir-se no campo das artes plásticas, surgindo a ideia, em 1976, da transformação do Círculo numa nova Escola de Artes, mas tal não se concretizará, mantendo-se assim a mesma linha de orientação, numa época em que Alberto Carneiro e Tília Saldanha terão um papel fundamental, a par com ações didáticas viradas também para um público infantil, e a opção pela organização de mais ciclos de cinema, sempre a par dos cursos práticos, ateliers de pintura e cursos teóricos de História da Arte e crítica, e de colóquios, como, em 1978, “O Panorama Artístico Português”<sup>7</sup>.

5 Documentos de arquivo pessoal: anexos II e III.

6 Frias ( 2010), p. 88.

7 Direção Regional de Cultura do Centro, nº Proc.º 13/ 06-03-25 (XV), Parecer / Inf. Nº 1272 – DRCC/2013.

Ernesto de Sousa, *operador estético*<sup>8</sup>, crítico da modernidade portuguesa, organizador da exposição *Alternativa Zero* em 1977, na Galeria Nacional de Arte Moderna, Lisboa, assumirá um papel preponderante na dinâmica do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, dando sequência às suas ideias de conceptualização artística, fortemente influenciadas pelo movimento Fluxus e pela Documenta 5<sup>9</sup>.

A importância do CAPC e a sua colaboração com Ernesto de Sousa é-nos documentada por Isabel Nogueira:

Na verdade, instituiu-se um espaço de trabalho conjunto profícuo [9], entre Ernesto de Sousa, Alberto Carneiro, António Barros, Armando Azevedo, João Dixo, Rui Órfão, Tília Saldanha, entre outros operadores estéticos. As atividades do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra estenderam-se a exposições, intervenções/operações estéticas, performances, cursos livres, convívios, conversas, de que se podem destacar *A Floresta* (Porto, Galeria Alvarez, 1973; Lisboa, Galeria Nacional de Arte Moderna, 1977), *Homenagem a Josefa de Óbidos* (Óbidos, Galeria Ogiva, 1973), *Minha (Tua, Dele, Nossa, Vossa) Coimbra Deles* (Coimbra, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 1973), *1 000 011.º Aniversário da Arte e Arte na Rua* (Coimbra, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 1974) [10], *Semana da Arte (da) na Rua* (Coimbra, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 1976), *Cores* (pelo “Grupo de Intervenção do CAPC”, Coimbra, Caldas da Rainha, Lisboa, 1977-1978) [11].

Na opinião de Ernesto de Sousa (1976), o agrupamento seria a “(...) única ‘sociedade artística’ deste país que mantém um espírito de ‘workshop’” [12]. Esta ideia aparece também espelhada num escrito do mesmo autor, a propósito da atividade *Guerra das Tintas*, intitulado “A vanguarda está em Coimbra, a vanguarda está em ti” (1974): *CAP ou C.AP. eis as letras a fixar, se o leitor for um dia a Coimbra, e quiser falar ‘a pretexto da arte’ com gente*

*das ‘artes’. Artes de acção, belas-artes, malas-artes de liberdade: de encontro consigo próprio. E com os outros. (...) O que interessa não é toda essa pasmaceira de técnicas e alienação, beleza labirinticamente pré-constituída e pré-estabelecida; esse caminho para todas as Academias (e para a economia do mercado, bem entendido). O que interessa é a tal descoberta, a qual só pode ser conseguida num exercício total do corpo e do espírito, das mãos e da cabeça. Esse exercício é a prática quotidiana do CAP. Sim o CAP, ali em Coimbra, à Rua Castro Matoso, mesmo em frente da Clépsidra. O leitor vá lá, beba um café na Clépsidra e pergunte. (...) Pergunte pelo Dixo, ou pela Tília Saldanha. Ou pelo Alberto Carneiro, que nesse dia talvez tenha vindo do Porto. Ou pelo Armando Azevedo, se já acabou a ‘tropa’ [13]<sup>10</sup>.*

É com António Barros, membro e diretor do CAPC na década de 70<sup>11</sup> do séc. XX que revisitamos esse tempo e esse espaço:

1- Semana da Arte da (na) Rua:

É também no vigor dos 70, no Círculo, pontuando a ocorrência das então denominadas assemblages, que surge na procura de uma divinização da matéria iconicamente comprometida que, quando sacralizada, resulta emprestando ao sentido uma nova razão semântica [Mitologias Locais, SNBA, Lisboa, (1977)], enquanto que em Enfo(r)camento [Semana de Arte da(na) Rua, Coimbra, (1976)], impera o tempo de então reformular os objectos do social residual para a condição de trash, para um rebaixamento irónico das normas estéticas e qualitativas<sup>12</sup>.

2- Arte-Vida e Vida-Arte com os artistas Fluxus - Joseph Beuys e Wolf Vostell-, e sua *contaminação em Ernesto de Sousa*:

(...) uma nova identidade para afirmar os anos 70 logo é ganha, ou seja: um vivenciar em que, no Teatro, é tempo de ser Actuante (Grotowski) e

8 Pinto dos Santos (2007), p. 169. Esta designação, substituindo a de artista, trouxe-a Ernesto de Sousa do evento *Undici Giorni di Arte Colletiva*, em Pejo, Itália no final da década de 60.

9 Albuquerque (2001), p. 76.

10 Nogueira (2012) in <http://www.artecapital.net/perspetiva-147-isabel-nogueira-os-40-anos-da-documenta-5-1972-reflexo-e-reflexoes-sobre-a-arte-portuguesa-dos-anos-70> (2014-06-05). As notas de [9] a [13] correspondem ao texto original.

11 Barros (2015). Podemos verificar a vasta e diversificada atividade artística e cultural de António Barros na Academia da cidade de Coimbra.

12 Barros (2010).

não Actor, e nas Plásticas, é tempo de ser Artor (Rauschenberg) e não Artista – tudo em vigor para uma nova atitude de conjugação da Arte-Vida com a Vida-Arte (Beuys/Vostell > Fluxus), princípios que passam a nutrir plurais segmentos do CAPC e CITAC. É a partir desta “contaminação”, que José Ernesto de Sousa segue a ousadia de Apollinaire: “J’ai enfin le droit de saluer des êtres que je ne connais pas”, e depois de apertar a mão a Joseph Beuys em terras germânicas, não mais contrariou os impulsos oriundos da filosofia Fluxus<sup>13</sup>.

- 3- Malpartida de Cáceres, Museu Vostell e participação do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra:

No Lavadero, uma antiga fábrica de lavagem de lãs nos Barruecos, em Malpartida (Cáceres), Wolf Vostell (para quem, em Fluxus, ser artista é ser um educador), começa por criar, homenageando Maciunas (na II SACOM, 1979), um original museu para a memória Fluxus: o Museu Vostell Malpartida (MVM), ao qual fez integrar uma representação portuguesa com forte sinal do CAPC [AB, AC, ÇP, TS]\*<sup>14</sup>.

- 4- O Círculo de Artes Plásticas e a Semana da Arte da (na) Rua:

Assim, com uma actividade multimodal, a comunidade artística do CAPC é, segundo enuncia ainda JES, a única nos anos 70, no país, que desenvolveu um espírito de “work-shop”, e é nele que surgem projectos como a Semana de Arte da (na) Rua, (1976)<sup>15</sup>.

Estes foram os documentos, os testemunhos reunidos numa tentativa de reivindicar os tempos, as pessoas que com a sua vida e com a sua obra marcaram a liberdade vivida.

## 2 - O Manifesto C.A.P.C., o Movimento Fluxus e Vostell

Segundo Schechner:

Manifestos are optimistic and aggressive; uplifting and raging.

They ring out with truth, like a clanging church bell; or with alarm, danger, and catastrophe like the blaring sirens of fire engines, police cars, and ambulances. People are either attracted to manifestos or repelled: rarely neutral. Manifestos are not subtle; they lack nuance and usually do not fiddle with irony or parody. They are very religious, in the sense that their authors believe they are delivering the Word from on High (themselves, their causes, God, history, the future...). And, these days, the opening decades of the twenty-first century, manifestos sound and read...as nostalgia, but of a very special kind. More on that later.

Traditionally, manifestos are writing intend to provoke actions. They are bold performatives<sup>16</sup>.

Numa longa tradição de manifestos poder-se-á, segundo Schechner, tomar como modelos a *American Declaration of Independence* (1776), a *Déclaration des droits de l’Homme et du Citoyen* (1789) e o *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels (1848). A origem política destes manifestos, a vontade de fazer valer os seus valores e intenções é transportada para o campo artístico, com a mesma função: dar voz a consciências lúcidas.

Se considerados em seu conjunto, afirma Richard Schechner, “os manifestos emitidos por artistas-chave da *avant garde* e teóricos influentes, reiterados por mais de um século, clamam pela destruição da ordem vigente e criação de uma nova ordem” (2010, p. 312). Segundo o autor, considerando-se que a maior parte dos artistas que escrevem manifestos não comete a violência que advogam, há que se reconhecer que os limites entre o ‘real’ e o ‘virtual’ estão se dissolvendo e o performativo se atualizando. Para Schechner, o grande gesto dos manifestos, e seu sentido de utopia e justiça universal, em sido realocado, na contemporaneidade, para ações mais locais e pontuais de inclusão artístico-cultural<sup>17</sup>.

Neste sentido, o Manifesto defendido por alguns membros<sup>18</sup> do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, como foi referido

13 Barros (2010).

14 Barros (2010). Os membros do CAPC : António Barros, Alberto Carneiro, Çao Pestana, Tília Saldanha.

15 Barros (2010). JES: José Ernesto de Sousa.

16 Schechner (2010), p. 309.

17 Cabral (2011), p. 22.

18 Não foi possível confirmar os autores do Manifesto.

anteriormente, demonstra uma voz ativa acerca do momento político que decorria, 1976, associado a uma consciência política/artística/sociológica, evocando nele os motivos para as ações da Semana da Arte na (da) Rua.

Das exigências humanas como “*A ARTE pode ser possibilidade de prazer contra o sofrimento, da personalidade contra o número, do voluntário contra o obrigatório, do agradável contra o necessário, da vida contra a sobrevivência*” à “*A Arte pode ser usufruição total e autêntica da VIDA*” somos remetidos para o Manifesto escrito por George Maciunas, fundador do FLuxus, em 1963:

PROMOTE A REVOLUTIONARY FLOOD

AND TIDE IN ART.

Promote living art, anti-art, promote NON ART REALITY to be

fully grasped by all people, not only

critics, dilettantes and professionals<sup>19</sup>

Através da leitura do Manifesto do CAPC são claras as linhas de pensamento que seguem os pressupostos do Manifesto Fluxus.

Em ambos os manifestos, as palavras, as frases acompanham ideias contra a arte burguesa, contra a arte da elite, contra os seus meios de comercialização e os seus profissionais.

Se numa primeira parte o Manifesto CAPC confere à ARTE - *tem vivido e tem sido* – um papel de sacralização, de mercantilização, própria das classes dominantes, numa segunda parte propõe – *A ARTE pode ser* – libertadora do homem, próxima da vida. Uma arte de ação política.

Sendo uma das máximas do movimento Fluxus *tudo é arte e qualquer pessoa pode fazê-la* (George Maciunas) verificamos que o sentido dos membros do CAPC era próximo: fazer a

arte na rua para a rua, com a participação de todos como aconteceu em Coimbra.

O membro do movimento Fluxus mais próximo da ação política/artística portuguesa foi Wolf Vostell (Colónia, 1932 - Berlim, 1998). Cabe a Ernesto de Sousa a elaboração dos textos para o catálogo da exposição *Wolf Vostell (1958-1979)*, em Lisboa, em 1979 (Fig. 4), assim como um documento com textos de apoio.



Fig. 4 – Capa dos textos de apoio à exposição *Wolf Vostell (1958-1979)* 1979, Lisboa

### 3 – Ernesto de Sousa e a Documenta 5 - “100 Days of Inquiry into Reality -- Today’s Imagery,”

A Documenta 5 decorreu entre 30 de Junho e 8 de Outubro de 1972, em vários pontos da cidade de Kassel, Alemanha: Museum Fridericianum, Friedrichsplatz e Neue Galerie<sup>20</sup>, cujo catálogo é apresentado pela Fig. 5 e respetiva serigrafia pela Fig.6.

Organizada pelo curador suíço Harald Szeemann foi considerada como um ponto de rotura e controvérsia. Em 1972 vários são os críticos americanos e ingleses que sobre ela se manifestam como Hilton Kramer, Michael Gibson, Henry J. Seldis, John Russel, Barbara Rose e Lawrence Alloway:

19 Manifesto Fluxus por George Maciunas, Fevereiro 1963. Consultar em <http://georgemaciunas.com/essays-2/fluxus-magazines-manifestos-multum-in-parvo-by-clive-phillapot/> (10-06-2014).

Existe uma versão deste mesmo manifesto por Joseph Beuys (1970), onde Beuys substitui a frase de Maciunas - *Purge th world of “Europanism”* por *Purge the world of “Americanism”* a consultar em <https://historyofourworld.wordpress.com/2009/12/02/fluxus-fluxus-1995/> (10-06-2014).

20 [http://www.kassel.de/miniwebs/documentaarchiv\\_e/08200/index.html](http://www.kassel.de/miniwebs/documentaarchiv_e/08200/index.html) (11-06-2014).



Fig. 5 - Catálogo Documenta 5, 1972

[http://www.nytimes.com/2007/09/07/arts/design/07gall.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2007/09/07/arts/design/07gall.html?_r=0).  
(11-06-2014).

Vídeo com a apresentação das páginas de todo o catálogo (10:30) em <https://youtu.be/0p5km5Ca3yM>, galeria Specific Object, Nova Iorque em <http://www.specificobject.com/> (11-06-2014).



Fig. 6 - Serigrafia  
Edward Ruscha  
Documenta 5, 1972

[http://www.kassel.de/miniwebs/documentaarchiv\\_e/08200/index.html](http://www.kassel.de/miniwebs/documentaarchiv_e/08200/index.html)  
(11-06-2014).

“ ... nastier ... unending and unendurable ... bizarre ... vulgar ...  
sadistic ... ”

-- Hilton Kramer, *The New York Times*, July 1, 1972

“ ... painful ... crazy ... very little art ... but a lot of paradox ”

-- Michael Gibson, *International Herald Tribune*, July 8-9, 1972

“ ... chaotic ... quagmire ... hermetic ... troublesome ...  
disappointingly unviable ... ”

-- Henry J. Seldis, *The Los Angeles Times*, July 9, 1972

“ ... circumambient silliness ... ”

-- John Russell, *The Sunday Times* (London), July 16, 1972

“ ... monstrous ... overtly deranged ... ”

-- Barbara Rose, *New York Magazine*, August 14, 1972

“There is some reason to think that Szeemann, for all his thematic planning, misjudged New York artists socially. He antagonized women artists as a group ... [then] he perfunctorily rejected them all.”

-- Lawrence Alloway, *Artforum*, October 1972<sup>21</sup>

No New York Times, Roberta Smith comenta em 2007:

“Documenta 5” is also remembered as being an early example of exhibition as spectacle and for being wildly over budget and widely hated. The curators’ vision — to reflect social and cultural realities beyond contemporary art — roiled the art world before the show even opened<sup>22</sup>.

(...) catalog for “Documenta 5,” the mother of all overblown art extravaganzas, staged in Kassel, Germany, in 1972. The orange vinyl cover, designed by Ed Ruscha, features a “5” made up of scurrying black ants, which seems fitting for the hysteria that usually accompanies these events<sup>23</sup>.

Para a apresentação da exposição *Documenta 5: 30 Juni bis 8 Oktober 1972*, em 2007, na galeria Specific Object/David Platzker, Nova Iorque, fazemos nota:

*Documenta 5*, subtitled “100 Days of Inquiry into Reality -- Today’s Imagery,” curated by the team of Harald Szeemann, Jean-Christophe Ammann and Arnold Bode, followed a lineage of comprehensive shows documenting conceptually and minimally charged artworks curated by Szeemann including *Live in Your Head* (Kunsthalle Bern, 1969), *Happenings and Fluxus* (Kunstverein, Köln), 1970 as well as the exhibitions *Konzeption / Conception* (curated by Rolf Wedewer and Konrad Fischer at Stadtischen Museum, Leverkusen, 1969), *Information* (curated by Kynaston McShine at The Museum of Modern Art, New York, 1970), *Software* (curated by Jack Burnham at The Jewish Museum, 1970), and the *Guggenheim International Exhibition* (curated by Diane Waldman and Edward F.

21 [http://specificobject.com/projects/documenta\\_5/#.VQHvKXysUgs](http://specificobject.com/projects/documenta_5/#.VQHvKXysUgs)(11-06-2014).

22 [http://www.nytimes.com/2007/09/07/arts/design/07gall.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2007/09/07/arts/design/07gall.html?_r=0)  
(11-06-2014).

23 [http://www.nytimes.com/2007/09/07/arts/design/07gall.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2007/09/07/arts/design/07gall.html?_r=0)  
(11-06-2014).



Fry at the Solomon R. Guggenheim Museum, 1971)<sup>24</sup>.

Em 2012, a exposição *Harald Szeemann: Documenta 5* acontece na OCAD University, Toronto, Canada onde David Platzker pondera as análises críticas de 1972:

This legacy is the point of “Harald Szeemann: Documenta 5.” Harald Szeemann was the legendary curator under whose stewardship this sprawling exhibition was organized. True to his wide-ranging interests, Szeemann expanded documenta to include performances and happenings along with painting and sculpture, effacing the boundary between art and everything else (“100 Days of Inquiry into Reality -- Today’s Imagery” was his subtitle) and re-imagining documenta as a cultural and informational spectacle: a 100-day “process of mutually interrelated events.” Merging an expansive understanding of art with a belief that anything and everything could be relevant to art’s context, Szeemann’s curatorial vision remains influential today<sup>25</sup>.

Na Documenta 5 salienta-se a presença de Joseph Beuys, cuja proposta artística irá fortemente influenciar a vanguarda portuguesa com Ernesto de Sousa.

Joseph Beuys durante os cem dias de duração da Documenta 5 apresenta as ideias políticas sobre arte e *escultura social* representativas da ação performativa denominada Oficina de Informação para a Democracia Direta, no Museum Fridericianum, levando a arte a uma participação na vida pública, ultrapassando qualquer categoria estética<sup>26</sup>. Os diálogos estabelecidos com o público ficaram registados no livro *Cada Homem um Artista*,<sup>27</sup> transcrições feitas por Clara Bodenmann-Ritter, jornalista, galerista e editora. Nele foram debatidos temas como: o ser humano; educação; escola e universidade; arte: conceito ampliado de arte;

cristianismo; situação política, o capitalismo privado no ocidente e o capitalismo de estado de leste; a hegemonia dos partidos; manipulação; trabalho: o sentido do trabalho; salário doméstico; planos de energia atômica; tripla divisão do organismo social (segundo Rudolf Steiner)<sup>28</sup>.

Numa aproximação entre a influência de Ernesto de Sousa pela Documenta 5 pensamos serem as figuras de Joseph Beuys e Wolf Vostell /Movimento Fluxus que mais força impregnaram aos conceitos e às ações, que decorreram em 1976 no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, com destaque para a *Semana da Arte (da) na Rua*.

### Considerações Finais

Se a educação formal para as artes se reveste de uma importância fulcral para a construção dos indivíduos, a experiência vivenciada num tempo e num local onde a vontade de agir, de criar, de participar com a consciência de que tudo era possível, estabelece um caminho determinante para o futuro.

Tratámos aqui de um esquisso, de um desvendar de origens, na tentativa de arquitetar a compreensão acerca dos *operadores estéticos* e das ações que marcaram os meses de Maio e Junho de 1976 em Coimbra.

Indiscutível a ligação dos membros do CAPC a Ernesto de Sousa, que por sua vez transpôs o espírito das vanguardas internacionais para um contexto português, num processo de *reciclagem*, com figuras como Joseph Beuys e Wolf Vostell.

Vostell deslocou-se pessoalmente a Coimbra no contexto das atividades do CAPC, reforçando a necessidade de uma liberdade política e artística que à altura se encontrava

24 [http://specificobject.com/projects/documenta\\_5/#.VQHvKXysUgs](http://specificobject.com/projects/documenta_5/#.VQHvKXysUgs). (11-06-2014).

25 <http://www.ocadu.ca/exhibitions/onsite/past-exhibitions/documenta-5.htm> (15-06-2014).

26 <http://artnews.org/documenta/?exi=18081> (15-06-2014).

27 Este livro encontra-se editado em Portugal pela Editora 7 nós, Porto, 2010.

28 Beuys, Joseph (2010). *Cada Homem um Artista*. Porto: Editora 7 nós, p. 61. Consultar artigo sobre o evento de Joseph Beuys Oficina de Informação para a Democracia Direta, Documenta 5, 1972 com fotografia documental em [http://casestudiesforeducationalturn.blog.hu/2011/05/24/joseph\\_beuys\\_organization\\_for\\_direct\\_democracy\\_by\\_referendum](http://casestudiesforeducationalturn.blog.hu/2011/05/24/joseph_beuys_organization_for_direct_democracy_by_referendum) (15-06-2014).

indissociável da sua componente social.

## Referências

- ALBUQUERQUE, I. (2001). Alternativa Zero. In *Arte Teoria*, Revista do Mestrado em Teorias de Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, nº 2, Ano 2011, pp. 72-82.
- BARROS, A. (2010). Geração Black Cube. In *Revista Rua Larga*, Universidade de Coimbra, nº 26, Outubro 2010, pp. 30-35. Acedido Junho 7, 2014 em [http://www.uc.pt/rualarga/antiores/26/26\\_13](http://www.uc.pt/rualarga/antiores/26/26_13)
- BARROS, A. (2015). Anos 80 - Em modo Testemunho. In *Projeto – Arquivo Digital da PO.EX. Acedido Março 13, 2015 em* <http://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-autografas/antonio-barros-anos-80-testemunho>
- CABRAL, B. A. V. (2011). O que nos move: manifestos em performance. In *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, nº 17, Setembro, pp. 21-27. Acedido Junho 5, 2014 em [http://www.ceart.udesc.br/ppgt/urdimento/2011/index\\_17.html](http://www.ceart.udesc.br/ppgt/urdimento/2011/index_17.html)
- ERNESTO DE SOUSA, J. (1976). Arte na Rua. In *Colóquio artes*, nº 29, 2ª série / 18º ANO, Outubro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ERNESTO DE SOUSA, J. (1974). O Mural de 10 de Junho ou a Passagem ao Acto. In *Colóquio Artes*, nº 19, 2ª série / 16º ANO, Outubro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 44-47.
- FRIAS, H. M. de (2009). As artes plásticas em Coimbra. In *Idearte – Revista de Teorias e Ciências da Arte*, nº 5 (Nov. 2009).
- FRIAS, H. M. de (2010). *50 anos de CAPC. Uma faceta das Artes Plásticas em Coimbra*. Coimbra: Mar da Palavra Edições.
- BEUYS, J. (2010). *Cada Homem um Artista*. Porto: Editora 7 nós.
- METELLO, V. (s/d). Na arte da performance em Portugal: uma cronologia. In *Baldio, Estudos de Performance*. Acedido Junho 5, 2014, em <https://baldiohabitado.wordpress.com/arte-da-performance-performance>
- POLICARPO, I. (2013). *Pedido de abertura do procedimento de eventual classificação do edifício do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), sito em Coimbra, na rua Castro Matoso, nº 18, freguesia da Sé Nova, concelho e distrito de Coimbra*. Direcção Regional de Cultura do Centro, nº Procº 13/ 06-03-25 (XV), Parecer / Inf. Nº 1272 – DRCC/2013.
- NOGUEIRA, I. (2005). O Círculo de Artes Plásticas de Coimbra nos anos setenta: “A vanguarda está em Coimbra, a vanguarda está em ti” . In *Arquivo Coimbrão: Boletim da Biblioteca Municipal*. Coimbra: Câmara Municipal. Nº 38 (2005), pp. 169-182.
- NOGUEIRA, I. (2010). *Artes plásticas e pensamento crítico em Portugal nos anos setenta e oitenta: problemáticas da operacionalidade dos conceitos de vanguarda e de pós-modernismo*. Tese de Doutoramento, Belas-Artes (Ciências da Arte), Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, Portugal.
- NOGUEIRA, I. (2012). Os 40 anos da “Documenta 5” (1972): Reflexos e Reflexões sobre a Arte Portuguesa dos anos 70. Acedido Junho 5, 2014, em <http://www.artecapital.net/perspetiva-147-isabel-nogueira-os-40-anos-da-documenta-5-1972-reflexo-e-reflexoes-sobre-a-arte-portuguesa-dos-anos-70>
- PINTO DOS SANTOS, M. (2007). *Vanguarda & Outras Loas, percurso teórico de Ernesto de Sousa*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- SCHNECHNER, R. (2010). Points and Practices: Manifestos, future nostalgias. In *RiDE – Research in Drama Education – The Journal of Applied Theatre and Performance*. Vol. 15, nº 3, August 2010, p. 309-315, Londres: Routledge.

## ANEXOS

## ANEXO I - Manifesto Semana da Arte (da) na Rua, C.A.P.C., 1976

[http://www.kassel.de/miniwebs/documentaarchiv\\_e/08200/index.html](http://www.kassel.de/miniwebs/documentaarchiv_e/08200/index.html) (11-06-2014).

O CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS DE COIMBRA realizará e sobretudo promoverá de 30 de Maio a 6 de Junho uma SEMANA DE ARTE (DA) NA RUA.

A ARTE tem vivido fechada nos sacralizados templos dedicados ao seu culto.

A ARTE religião da mercadoria, adoração dos bens de consumo mais supérfluos, tantos sacrifícios da força de trabalho de "predestinados", milagroso engano dos que crêem na sua aparente criação libertadora. - A ARTE é (torna-se) uma mercadoria sujeita às leis de produção. O artista submetido a essas leis entra na contabilização do produto ao lado das matérias primas, capitais fixos, ...

A ARTE é (tem sido) uma mercadoria modelo de uma sociedade de consumo.

A ARTE é (tem sido) a mercadoria eleita pela classe dominante. Eleita porque produto susceptível de uma mercantilização acelerada. Eleita porque diviniza a mercadoria. Eleita porque dogmatiza a obrigatoriedade de veneração do supérfluo. Eleita porque cria a vitória da propriedade contra a usufruição, a vitória do ter contra o ser. Eleita porque venera uma classe, santifica-a, idolatras-a, coloca-a nos altares, faz dessa classe de crentes militantes uma classe de santos intocáveis por suidade do profano divinizado. Eleita sobretudo porque veicula os mandamentos dessa classe dominante, impondo a sua linguagem, os seus princípios, as suas regras, as suas falsas necessidades, a sua moda, os seus costumes, as suas leis, a sua força. Eleita, pois, por que submete o Homem ao obrigatório padrão de vida da classe dominante.

2

Trazer esta ARTE para a rua, democratizar esta ARTE, é incrementar a imbecilização do Homem, a sua alienação, a sua subjugação a essa idolatria. Esta ARTE deve morrer nos (e com os) templos dedicados ao seu culto.

Mas a ARTE pode aparecer como luta contra o trabalho em série, em luta contra o trabalho obrigatório, em luta contra o trabalho forçado, em luta contra o trabalho alienado, em luta contra a prostituição do Homem, em luta contra a falta de felicidade da mecanização do Progresso.

A ARTE pode ser a possibilidade do prazer contra o sofrimento, da personalidade contra o número, do voluntário contra o obrigatório, do agradável contra o necessário, da vida contra a sobrevivência.

A ARTE pode desdogmatizar preconceitos e tabus.

A ARTE pode-nos mostrar a VIDA sem os obstáculos opacos que nos impingiram.

A ARTE pode lutar contra o trabalho-mercadoria, fugindo às regras de produção.

A ARTE pode ser usufruição total e autêntica da VIDA.

A ARTE pode aproximar-nos da VIDA que queremos viver e afastar-nos da vida que nos obrigam a aguentar.

A ARTE pode ser a desmistificação dos consumos supérfluos, da vida supérflua.

A ARTE pode ser o acabar de falsos juízos de valor.

A ARTE pode ser o reinado de imaginação. A ARTE pode ser o acabar de pesadelos. A ARTE pode transformar os sonhos em realidade.

A ARTE pode desocisificar o Homem.  
Pode ser uma autêntica criação libertadora.

3

A ARTE pode ser A VIDA. Total.

Esta ARTE não vive em templos sacralizados. Esta ARTE vive mais ou menos abafada em cada um de nós.

Descobrir esta ARTE é descobriremo-nos a nós próprios.

Descobrir esta ARTE é libertar a nossa imaginação criadora.

Descobrir esta ARTE é acabar com todas as Artes alienantes, desalienando o Homem.

Cada um de nós deve trazer esta nossa ARTE para a rua. Cada um de nós encontrará esta ARTE na rua. Cada um de nós construirá esta ARTE na rua. Cada um de nós descobrir-se-á a si próprio e começará a ver autênticamente a VIDA que nos rodeia em cada esquina da rua. Os "Artistas" desaparecerão.

Cada um de nós será artista. Cada um de nós construirá artisticamente a sua VIDA. Cada uma das nossas VIDAS será uma Obra-Prima.

Falar em ARTE será falar em VIDA.

Cada um de nós compreenderá o significado de ARTE quando compreender o significado de VIDA.

O CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS DE COIMBRA realizará e sobretudo promoverá uma SEMANA DE ARTE (DA) NA RUA de 30 de Maio a 6 de Junho.

Será uma semana preenchida com todas as manifestações artísticas. A rua será inundada de teatro, música, pintura... e estará completamente aberta a todo o tipo de intervenções. A rua

4

estará, sobretudo, à espera da intervenção de cada um de nós.

Essa FESTA DE RUA acontecerá sobretudo na Praça da República e Jardim da Sereia.

Na Praça da República o CAPC construirá um enorme LABIRINTO que ocupará totalmente a praça. Esse labirinto terá clareiras (espaços dentro do próprio labirinto) com trabalhos de sôcos e clareiras deixadas à disposição de outros intervenientes, de quem quiser intervir.

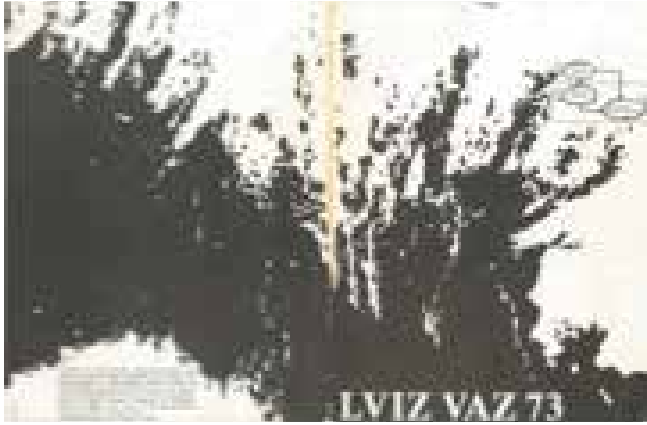
O Jardim da Sereia será preparado para servir de palco a toda e qualquer intervenção artística - teatral, musical, plástica...

O CAPC conta com a colaboração-participação de todas as pessoas e colectividades.

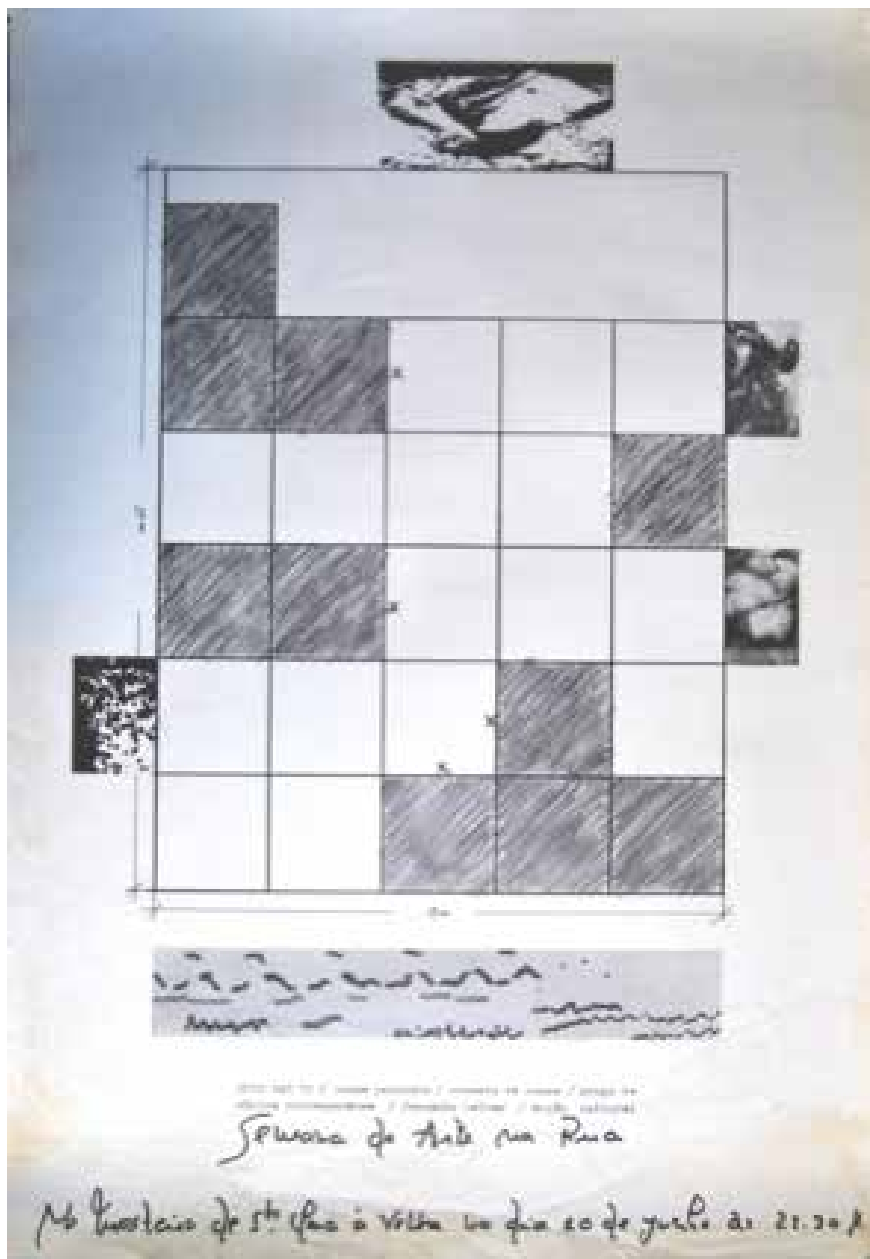
O CAPC CONTA CONTIGO.

CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS DE COIMBRA

ANEXO II - *Luís Vaz 73 - Envolvimento Audiovisual*, 1976  
Colaboração plástica de Fernando Calhau



Dimensões: 37x23,6cm  
Impressor: Mirandela & C<sup>a</sup>

ANEXO III – Cartaz Luís Vaz 73 - *Envolvimento Audiovisual*, 1976

Dimensões: 69x48,5 cm